



**Secretaria de Estado da Educação**

# **CLIPPING**

19 de setembro 2012



# SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> A Notícia	<b>Editoria:</b> AN Destaque	<b>Data:</b> 19/09/2012
<b>Assunto:</b> Pelo direito de estudar		<b>Página:</b> 4/5

## A NOTÍCIA

### ■ ABANDONO ESCOLAR

### Pelo direito de estudar

8% dos jovens que deveriam estar nas salas de aula do ensino médio da rede pública de Joinville abandonaram os estudos. A média é menor que o índice nacional, de 10,8%, e estadual, que registrou 9,2% em 2011. A capital, Florianópolis, tem um índice mais alto - são 13,5% das crianças e adolescentes fora da escola. Mesmo assim, a situação da mais populosa cidade do Estado é preocupante. Os motivos para a evasão escolar podem ser trabalho, situação social e até falta de interesse. Mas como mudar? Com a combinação de empenho e sensibilidade de professores e pais é possível virar este jogo. Conheça os exemplos bem-sucedidos das escolas estaduais Gertrudes Benta Costa e Tufi Dippe

O início de 2012 foi complicado para Ruan Carlos Nascimento, de 16 anos. Ele começou a estudar na 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Gertrudes Benta Costa, no bairro Petrópolis, e arranhou um emprego como operador de fotocopiadora em uma gráfica da cidade. Trabalhava das 7 horas ao meio-dia. Na hora de ir para a escola, à tarde, não tinha vontade. A mudança de rotina o fez abandonar os estudos. "Não sei explicar exatamente o porquê de não ir para a escola. Queria dormir, ficar em casa", contou o jovem. Com o empenho da equipe pedagógica da escola, que procurou conversar com o aluno e com os pais, Ruan voltou a estudar. E, mesmo com faltas, conseguiu se recuperar.

Para a diretora da Gertrudes, Roseti de Oliveira, convencer o aluno a voltar para a sala de aula é motivo de comemoração. "A transferência de escola pode ser mesmo difícil para muitos adolescentes. Eles ainda não possuem amigos e podem se sentir desmotivados. Mas o trabalho ainda é o principal motivo, pelo menos para nós, do abandono escolar", explicou. A falta de interesse e de perspectiva para o futuro também pesa na hora de abandonar os estudos.

No caso de Ruan, a diretora conta, orgulhosa, que o estudante continua o trabalho na gráfica e, ao mesmo tempo, consegue manter boas notas. "Fiquei muito feliz quando ouvi um professor elogiar as notas dele em uma reunião. É uma prova de que fizemos o certo", observa.

A Gertrudes Benta Costa é uma das escolas que apresentam os menores índices de abandono escolar no ensino médio de Joinville. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o colégio não contabilizou nenhuma desistência em 2011. Mas a diretora confirma que há casos de abandono, registrados neste ano, sendo avaliados. Inclusive no ensino fundamental. Quando a equipe não consegue nem convencer os pais dos alunos do ensino fundamental de que a educação é o melhor caminho, o caso é encaminhado ao Conselho Tutelar. "Há três casos nas séries iniciais que o conselho está acompanhando", contou a diretora.

Para evitar que o abandono seja a direção escolhida pelos alunos, a equipe de professores da Gertrudes é orientada a ficar de olhos abertos. A primeira análise acontece dentro da sala de aula. Quando um aluno falta em mais de três dias, os pais são procurados por telefone. "Não é o papel da escola procurar o aluno. Mas temos que fazer isso, porque tem muita gente que só tem a escola", argumentou a diretora.

Para comprovar a falta, se o aluno não possui atestado médico, o responsável precisa ir pessoalmente até a escola explicar os motivos. Dependendo do que é dito, a equipe orienta o que é melhor para criança ou adolescente. "Acho que este contato e as orientações que fazemos no início de ano, falando da importância e das consequências de não ir à escola, têm colaborado com os números positivos", avaliou Roseti.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

### ■ ABANDONO ESCOLAR

## Equilíbrio entre trabalho e estudo

Murilo Renan Tavares, 15 anos, compete por Joinville na natação e tem uma rotina diária de treinos. Emanuelle Darassi, 16, trabalha em uma loja de decoração. Láysa Antônia Martin, 15, é jovem aprendiz e trabalha em uma creche. Durante o dia, eles não param. Do trabalho, vão para os estudos na Escola Estadual Tufi Dippe, no bairro Iriirú. E não se cansam. Eles sabem o que querem para o futuro e fazem de tudo, tudo mesmo, para equilibrar boas notas e um dinheirinho no bolso.

“Uso o salário para comprar coisas para mim. Mas consigo dar conta de tudo. Eu quis trabalhar e meus pais apoiaram. Mas, para continuar, preciso ter boas notas”, conta Emanuelle. Murilo ainda viaja para competições e fica fora alguns dias da escola. Mas se as notas começarem a baixar, sabe que terá que abandonar seu esporte favorito. Por isso se empenha.

“Temos bons exemplos na escola. A maioria dos adolescentes trabalha para conquistar o seu dinheiro, para comprar um tênis bacana, uma roupa legal. Alguns ainda ajudam a família, mas a maioria quer contar com uma renda própria”, revelou a diretora, Emma Zenei Dal-Ry Cavalheiro.

No entanto, é por causa deste dinheirinho que os adolescentes do ensino médio têm deixado a escola. Para se ter uma ideia, o período noturno na Tufi Dippe conta com 148 alunos à noite, destes 135 trabalham. Em uma média de três anos, dos 450 alunos que entraram na escola, 217 abandonaram os estudos. Quase 50%.

Foi preciso apoio da Gerência Regional de Educação e do governo federal para diminuir o cenário de abandono. Programas de ensino profissionalizante como o Pronatec e o Mais Educação, que oportuniza aos alunos aulas extras de língua portuguesa, matemática e atividades extraclasses diversas, têm colaborado. Ainda neste ano, a Tufi Dippe implantou, a partir do 1º ano do ensino médio, o chamado ensino inovador. As aulas são realizadas o dia inteiro, três vezes por semana, com disciplinas diferenciadas. “Com a boa vontade de todos, dá para fazer a diferença”, acredita a diretora. A página, na Tufi Dippe, começa a ser virada.

### ■ ABANDONO ESCOLAR

## O que fazer para diminuir a evasão

Sabe quando os especialistas afirmam que a escola precisa ser um ambiente acolhedor? Que o aluno precisa entender a importância da educação e se sentir à vontade na sala de aula? Eles falam isso porque é a mais pura verdade. Não há como evitar a evasão escolar e, conseqüentemente, a distorção de séries/idades se os adolescentes não se sentirem recompensados com os estudos.

Joinville ainda registra um índice satisfatório na área - abaixo das médias brasileira e catarinense (veja o quadro). Em 2011, o Inep registrou 8% de abandono somente nas escolas públicas da cidade. O recorde - a menor taxa de abandono - foi registrada no ano de 2009, quando apenas 6,3% de crianças da rede pública abandonaram os estudos durante o ano.

No entanto, não existe uma fórmula secreta para evitar a evasão. Para a professora da Univille e mestre em educação Rosânia Campos, este é o grande dilema da educação em Joinville e no Brasil. Para ela, hoje é preciso repensar o ensino médio. “Avançamos bastante no ensino fundamental, principalmente nos anos iniciais. Neste momento, o ensino médio é o grande desafio. O Brasil carece de políticas públicas para juventude, e as duas coisas estão interligadas. Avançamos na infância e houve um vácuo nas políticas para a juventude”, analisou a professora. “É importante ter projetos para os jovens, pensar num currículo inovador. Mas na minha opinião, se isto não for articulado com a valorização do professor, não vamos conseguir”, complementou Rosânia.

Para motivar os adolescentes, a professora e coordenadora do curso de pedagogia da Univille, Sonia Regina Pereira, acredita que o ensino integral e inovador pode ser uma boa solução. “Mas existem programas do governo federal que oferecem bolsas para alunos. Deveríamos ampliar este número de bolsas. Até porque eles querem o seu dinheirinho”, observou Sonia.



<b>Veículo:</b> Notícias do Dia	<b>Editoria:</b> Cidade	<b>Data:</b> 19/09/2012
<b>Assunto:</b> Boas lições dos futuros motorista		<b>Página:</b> 05

## Notícias do Dia

# Boas lições dos futuros motoristas

**Trânsito.** Guarda Municipal premia alunos que se destacaram em concurso e na sala de aula

**EMANUELLE GOMES**

[emanuelle@noticiasdodia.com.br](mailto:emanuelle@noticiasdodia.com.br)

@Emanuelle\_ND

Educação no trânsito se aprende sim na escola. Crianças do 2º ao 5º ano da rede de ensino de Florianópolis, que participaram e venceram o concurso de desenho e redação promovido pela Guarda Municipal de Florianópolis, sabem muito bem disso. Durante a Semana Nacional do Trânsito, há sete anos a Guarda premia os alunos que se destacam no concurso e mostraram que aprenderam tudo o que foi ensinado em sala de aula.

As lições são passadas pelos professores por meio de cartilhas, distribuídas pela Guarda, que ensinam como abordar o assunto em várias disciplinas. E nesse ano não foi diferente. O evento de premiação aconteceu ontem, com a presença de pais, alunos e professores.

Como o tema “Se esta rua fosse minha, como ela seria?”, Luiza Fernandes Lopes, de oito anos, desenhou o bairro perfeito e venceu entre os alunos do 3º ano. “Aqui tem um guarda na frente da es-

cola para pedir para os carros pararem para que a gente possa passar pela faixa de pedestres. Eu coloquei tudo que aprendi. O mais importante é ter muita atenção, tanto os carros quanto as pessoas”, explicou.

Mas na prática, os alunos da Escola Estadual Básica Antônio Paschoal Apóstolo, no Rio Vermelho, não contam com a ajuda do Guarda Municipal para atravessar a rua. “É difícil. Tem muito carro. Eu queria que tivesse um guarda lá”, pediu Luiza.



### UMA BASE

Diretor da Guarda Municipal diz que ideal seria ter oito bases pela Ilha



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

### Guarda tem atuação forte nas escolas

A Guarda Municipal trabalha o ano inteiro nas escolas para conscientizar e motivar os estudantes para as boas práticas no trânsito. Mas, de acordo com o diretor Ivan da Silva Couto Júnior, o efetivo ainda é baixo e não dá conta de acompanhar as demandas. “Hoje, temos 146 guardas que trabalham no Centro, até a Agrônômica, e no Continente. O ideal seria ter, ao invés de apenas uma base, oito espalhadas pela Ilha, com cem guardas em cada uma”, avaliou.

Apesar do número que tem disponível, a Guarda consegue há nove anos promover educação no trânsito

dentro das escolas. Além do concurso, ainda ministra palestras, realiza teatro de fantoches e monta pista nas escolas para ensinar a sinalização e o Código de Trânsito. “Adquirimos triciclos para crianças e elas vão poder brincar na pista, onde colocamos cones, mini placas e um semáforo eletrônico pequeno”, relatou Couto.

A Guarda, segundo ele, ainda tenta passar noções de respeito ao colega, cidadania, obediência e higiene pessoal em suas ações. “Temos que formar desde cedo condutores bem educados, que respeitem a legislação”, afirmou.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Artigos	<b>Data:</b> 19/09/2012
<b>Assunto:</b> Por uma educação infantil		<b>Página:</b> 12

# DIÁRIO CATARINENSE

## Por uma educação infantil

A educação infantil é direito das famílias e obrigação do Estado. As crianças frequentam as instituições de educação infantil não só porque os pais trabalham, mas porque lá têm experiências educativas singulares. Professoras com formação especializada e outros profissionais cuidam dos pequenos, colocando-os em contato mais próximo com o mundo elaborado pela ciência e pela arte, com o que já existia antes de eles nascerem e é constantemente renovado. Brincar é atividade própria das crianças, que na educação infantil encontram espaço, tempo e materiais para isso. Com as brincadeiras e outras atividades propostas, elas aprendem conceitos, desenvolvem o senso estético e a moralidade.

Como depois fará a escola, a educação infantil deve preparar as crianças para a vida pública, para no futuro atuarem criticamente em sociedade. Como espaço de formação, diferencia-se da família, de

forma que seus eventos devem ser distintos das celebrações domésticas.

A educação pública não deve, por exemplo, fazer proselitismo religioso, mas reforçar seu caráter laico, inclusive por respeito à pluralidade de crianças que recebe. É bom que professoras coloquem parênteses nas crenças e ajam sob o desígnio da razão pública. Professoras que expõem as crianças, sem mediação crítica, a canções e filmes religiosos, que as ensinam a rezar e as ameaçam com castigos devem rever sua prática.

Da mesma forma, a pauta da educação infantil não pode ser a do calendário do comércio e do consumo. Para ser formativa, ela deve apresentar às crianças formas de interpretar o mundo que não equiparem poder de compra e fascinação pela mercadoria a sucesso e felicidade.

Pequenos iluministas, sensíveis e não conformistas, para que possam se tornar pessoas críticas e autônomas, é o que queremos que as crianças sejam.

**A educação infantil deve preparar as crianças para a vida pública, para atuarem criticamente.**